

## RESTAURAÇÃO

**Geisson Alves Homrich<sup>1</sup>**

homrich7@gmail.com

*“Era perfectamente natural que te acordaras de él a la hora de las nostalgias, cuando se deja corromper por esas ausências que llamamos recuerdos y hay que remendar com palabras y com imágenes tanto hueco insaciable.”*

(Cortázar: Final del juego)

“As notas são simples, você só precisa seguir”. Eu sentado ao seu lado naquele velho piano, aquele que veio da demolição e foi restaurado, como muitas outras coisas na casa que vieram da demolição e foram restauradas, restauradas e colocadas ali naquela sala transformando o cômodo numa nostálgica e prazerosa revisitação ao século passado, ainda que com uma grande carga de histórias tatuadas sob cada quina de mesa, cada arranhão de braço de cadeira e cada mancha de assento de poltrona. Aqueles quadros que pintavam de amarelo céreo as paredes brancas e escondiam os sulcos causados pela infiltração que sua mãe achava pavorosa enquanto seu pai nem se importava. Aqueles porta-retratos sobre a cômoda que mostravam rostos felizes, seus, deles, dos seus irmãos, da família, e lá estava o meu, no canto esquerdo, eu e você num sorriso ensolarado com as camisetas ensopadas de água do mar, pois eu era parte da família mesmo que só nós dois soubéssemos disso. E aqueles abajures de base de madeira, madeira que veio da demolição e foi restaurada, com cúpulas feitas do tecido amarelado que veio junto com as cadeiras de balanço que vieram da demolição e foram restauradas, com as lâmpadas amareladas à meia-luz que derramavam sobre a sala a confirmação de que tudo ali veio da demolição e fora restaurado, enquanto o velho carrilhão tiquetaqueava precisamente cada minuto que passava enquanto estávamos lado a lado na banqueta do velho e restaurado piano da demolição. Suas mãos foram na frente, fá dó si lá bemol, tão simples, a minha tentou imitar e esbarrou num ré sustenido mostrando que eu não levava jeito pra aquilo, “tenta outra vez” você dizia toda vez que eu errava e lá ia eu errar de novo, sempre esbarrando entre ré e mi como se eu fosse o desengonçado, e eu era, e você dizia “não tem problema errar assim no começo”, e eu tentava não errar para não parecer idiota, e eu era, e você continuava me guiando no fá dó si lá bemol como se fosse a coisa mais simples do mundo – e era! – com toda a calma do mundo naquela sala que parecia conter toda

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

a história do mundo ou, pelo menos, a nossa história. E, enquanto estávamos ali, entre fás e lás bemóis e rés esbarrados por descuido, pouco precisávamos dizer, o cheiro de demolição restaurada e os quadros que escondiam infiltrações e os porta-retratos e a meia-luz dos abajures e o tique-taque do carrilhão e as notas esbarradas no piano velho e o eu e o você ignoravam o mundo lá fora, derramando deliciosamente sobre nós o que mais tarde viríamos a chamar de felicidade, por entre lágrimas e soluços e arrependimentos e cartas de despedida que nunca chegariam e sentimentos doloridos que ao contrário de tudo naquela sala jamais poderiam ser resgatados e restaurados após serem demolidos. E enquanto nós nos sentávamos juntos naquele lugar, a luz do sol por entre as árvores entrava pela janela deixando uma atmosfera dourada na sala, e por muito tempo nós dizíamos nenhuma palavra. Não havia necessidade de dizer alguma coisa, naquele momento nossos corpos dançavam no ritmo das batidas do nosso coração, e o silêncio dizia tudo.